



PENSANDO A GEOGRAFIA ATRAVÉS DO ROMANCE CAIM DE JOSÉ SARAMAGO

Carlos William Maia de Oliveira Rapozo¹

Linovaldo Miranda Lemos²

Introdução

Na sua caminhada profissional, o professor de Geografia enfrenta diversos obstáculos. Alguns são de ordem social, como os problemas que enfrentam na comunidade que circunda a escola e outros de natureza estrutural como a defasagem de salários e a desvalorização profissional (LUNKES; ROCHA FILHO, 2011). Poderíamos acrescentar a estas questões mais amplas, uma problemática que nos interessa mais de perto no presente artigo que é o baixo desempenho na leitura (SIMÕES; CARNIELLI, 2002).

São necessárias transformações estruturais na educação como um todo, desde melhorias na formação dos professores e a continuidade da formação na área, bem como práticas de ensino de Geografia que possam despertar no aluno o interesse pela leitura e o entendimento de que ler é um ato de libertação, não exclusivo às disciplinas da área de Códigos e Linguagens. Partimos do pressuposto de que só assim a educação permitirá o acesso igualitário aos conhecimentos historicamente construídos de tal forma que estes sejam significativos para o grupo social em formação, bem como para os demais indivíduos que participam da comunidade. O ato de ler é uma prática emancipadora, capaz de desenvolver a reflexão e a criatividade, ampliando a percepção social dos indivíduos.

Utilizaremos a obra Caim de José Saramago como plataforma de estudos nessa abordagem. Esta obra conta a história do personagem Caim, que depois de expulso do Jardim do Éden e mediante um acordo com Deus, se torna um retirante, um nômade que percorre as terras do Oriente Médio, passando por diversas paisagens se relacionando de várias formas com os outros personagens. Ao longo de sua trajetória, o personagem, se coloca numa posição de contestação das ordens e atos de Deus. Nesta obra de ficção, o personagem principal se engaja numa trajetória que é, a um só tempo, espaço-temporal e de transformação de sua própria vida.

O trabalho proposto em forma de ensaio buscou ressaltar a importância da leitura num contexto social cada vez mais complexo, em que os alunos são colocados em meio à processos educativos pragmáticos, embasados no treinamento puro e simples, que não buscam à reflexão. Segundo Rezende

¹ Especialista em Ensino de Geografia (IFF). Professor das redes pública e privada de ensino. carlos.rapozo@hotmail.com

² Doutor em Geografia (UFRJ), Professor do Instituto Federal Fluminense. .linovaldolemos@gmail.com



Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola - que vejo, insisto, como possibilidade - não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo veloz da cultura de massa. (REZENDE, 2013, p. 106)

Importante para isto é debater a aproximação da Geografia com a Literatura, utilizando esta última como ferramenta pedagógica em sala de aula para buscar nos alunos o letramento necessário ao enfrentamento das situações cotidianas. Utilizamos a obra Caim de José Saramago como cenário na obtenção da explicação de conceitos pertinentes à Ciência Geográfica e seu uso em sala de aula. Em nenhum momento temos como prática o debate religioso, não sendo isto nossa competência e nem do nosso interesse no debate proposto neste artigo.

Assim, mostrar que a leitura é importante em sala de aula é um dos focos desse trabalho. Alunos egressos do sistema escolar podem até estar alfabetizados em níveis intermediários ou proficientes, como aponta Marchesoni e Shumazaki (2021) mas não conseguem entender contextualmente seu cotidiano de vida. Usar a Literatura nos ajuda a dinamizar atividades que englobem diversos formatos de linguagem (DIAS; DIAS, 2019, p. 116)

Leitura, Literatura e Geografia

Os temas da Geografia demandam leitura, da mesma forma que em todos os campos do conhecimento e das atividades escolares. Como aponta Silva e Fernandes (2020), o ato de ler é uma prática emancipadora, capaz de desenvolver a reflexão e a criticidade, ampliando a percepção de mundo dos indivíduos inseridos na sociedade.

Bannel (2020) afirma que ler é fundamental para a formação do ser humano. Nesse sentido, ainda, podemos compreender que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, como aponta Freire (2017). Para Moreira (2007, p. 105) “são nossas ideias que formam o que chamamos de mundo e orientam nossas práticas”. A ideia é o que resulta da nossa relação intelectual com a realidade sensível, o real sensível traduzido como construção do intelecto através do conceito. Daí dizermos que é uma representação (MOREIRA, 2007, p. 106).

A leitura de mundo e a leitura da palavra são dois pontos fundamentais para a formação de um cidadão crítico. A Geografia é uma disciplina escolar que bem contempla isto. Os conceitos abordados pela Geografia são em muito utilizados para ajudar aos alunos no entendimento de sua realidade cotidiana.

Cada mundo em pequena escala é, de fato, muito importante para se chegar a um complexo de conexões. O lugar é único e relativo ao mundo. As relações sociais se desenvolvem de modo particular, mas as estruturas às quais ela se embasa são gerais. Harvey (2013) explica que o espaço geográfico não pode ser compreendido somente na sua dimensão material, mensurável, absoluta. Para além deste aspecto, o espaço geográfico é marcado por dimensões relativas às posições das pessoas e dos lugares entre si, bem como por relações socioespaciais e por formas de representação do próprio espaço. Portanto, baseado neste autor, podemos dizer que não existe uma forma única de construção do espaço geográfico e nem de sua representação.



Através da palavra escrita os indivíduos possuem a oportunidade de compreender melhor o seu mundo e até mesmo de conhecer outras realidades para além da sua. Na literatura há uma possibilidade lúdica e imaginativa para que isto aconteça. O autor de um livro de literatura pode representar a realidade que lhe vem à tona e pode passá-la adiante, acessando o imaginário daquele que lê. Portanto, nessa via há uma inter-relação importante: o autor de uma obra literária só acessa àquele que domina a leitura da palavra, e só consegue emocionar aquele que já também domina a leitura do mundo, ou seja, aquele que já domina a leitura da palavravundo. Freire aponta que

Ao ir escrevendo este texto, ia tomando distância dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a leitura do mundo, do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da palavravundo (FREIRE, 2017, p. 20).

A literatura pode ser um excelente arcabouço para ajudar o indivíduo através de histórias que podem se conectar com histórias. A partir da palavra abstrata, pura e simples palavra, pura e simples história, pode se chegar à leitura da palavravundo e ao entendimento reflexivo de como é e como pode ser moldada a realidade de cada sujeito.

Dar significado ao mundo através da palavra. Dar significado aos fatos através da leitura. Criar um mecanismo de compreensão dos fatos, reais ou fictícios, ou reais a partir da observação das tramas na ficção através da Literatura. Por fim, usar a Literatura para dar sentido aos termos geográficos e, em algum momento, se tornar uma boa ferramenta de ensino, processo no qual a imaginação é essencial para a apreensão do conteúdo geográfico. Geografia, Literatura, sendo esta Ciência e, também, Arte, como bem destaca Barthes (2004) possuem suas narrativas; compreender o mundo a partir da arte é importante para a compreensão sensível do mundo. De acordo com Silva e Fernandes:

A Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2009, p. 176-180). A Literatura possui, um grande papel social, pois é capaz de atuar sobre a realidade, sendo também fruto dela. Em todas as suas esferas é um direito inquestionável e fundamental (SILVA; FERNANDES, 2020, p. 7)

Ainda, a Geografia tem papel fundamental nesse aspecto, haja vista ser a ciência do espaço, espaço esse que é encontro de todos os fenômenos humanos. Não existe sociedade sem espaço, sem relações sociais, ou espaciais. Não se vislumbra um homem “flutuante” sem uma base em que desenvolva seu cotidiano e seu futuro. Os objetos de estudo na Geografia perpassam vários aspectos, tais quais, materiais e imateriais. No campo da Literatura, a Geografia pode encontrar auxílio para explicar a reprodução de relações sociais que podem ser complexas e de difícil compreensão. Dentro de um romance, explicações de conteúdo abstrato podem explicitadas. Como aponta Olanda e Almeida (2002),

A representação na abordagem cultural na Geografia é vista como um processo comunicacional e de conhecimento, comportando, vários elementos como: da reprodução, da relação, da percepção, da abstração, da imagem e do significado[...] A compreensão desse conceito contribui para a investigação da imaterialidade presente no espaço romanescos. A linguagem literária assim considerada é,



portanto, uma representação, dado que utiliza a linguagem escrita para expressar e comunicar a experiência humana (OLANDA; ALMEIDA, 2008, p. 22).

Como aponta o professor Ruy Moreira (2007) o espaço é, por excelência, o campo da interdisciplinaridade na Geografia, eixo onde pode conversar com outras disciplinas. Dentro dessa perspectiva, utilizar textos literários e o ensino de conceitos em Geografia auxilia o desenvolvimento de várias categorias, tais como o Espaço Geográfico e o Território, e por óbvio, fomenta a cultura da leitura e treina a interpretação.

Também se pode destacar que um trabalho que considere a prática pedagógica em uma perspectiva interdisciplinar faz parte de um trabalho que visa a transformação, a humanização, uma vez que faz uso do diálogo, da troca de saberes, elementos esses indispensáveis na formação de sujeitos autônomos críticos, contribuindo assim na formação de cidadãos (MORAES; CALLAI, 2020, p. 320, 321).

À luz dessa abordagem, ler o texto e praticar os conceitos tornam o aluno ativo no processo. Segundo Castellar (2020, p. 298) “para que ocorram, as práticas pedagógicas devem ser orientadas para empoderar os estudantes e, portanto, as aulas precisam ter ações didáticas coordenadas com as dimensões social e epistêmica”. A independência do aluno na construção de sua percepção do texto e da aplicabilidade dos conceitos é a prática pedagógica nessa perspectiva. Paulo Freire aborda a importância da curiosidade, que nesse processo não está ausente: “bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo, à custa de sua prática mesma, que sua curiosidade, como sua liberdade, deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício” (FREIRE, 2019, p. 82).

Sendo a Geografia a ciência do espaço, ela pode observar os princípios da aparência e a essência, como destaca Moreira (2007). Ainda, o mesmo autor destaca esse aspecto da ciência geográfica, onde o plano visível e o plano do invisível são:

Visível é o plano perceptivo do arranjo, o desenho configurativo pelo qual a paisagem de imediato se nos apresenta[...]. Invisível é o plano do para além do plano do visto e do dito, plano metafísico da estrutura das relações que se manifestam nos padrões formais do visível, e que só alcança o recurso do pensamento. (MOREIRA, 2007, p. 20)

Os sistemas técnicos “produzem aquilo que interessa ao mercado, não à humanidade” (SANTOS, 2012, p. 65). A produção do consumidor precede a construção do sujeito, cada vez mais homogeneizado a partir do consumo. Porém, o comportamento humano nos mostra que cada comunidade se desenvolve com sistemas de ações diferentes, pois “como o espaço não é homogêneo, evoluindo de modo desigual, a difusão dos objetos modernos e a incidência das ações modernas não é a mesma em toda parte (SANTOS, 2006, p. 26).

Como núcleo representativo da existência social, o cidadão deve concretizar os anseios sistêmicos e por isso é formado em consonância aos princípios do trabalho e da participação previstos e esperados pela organização política em vigor. Sem dúvida, havendo um compromisso político da educação, ele é, no meio oficial, conformar o indivíduo ao sistema, garantindo a sua reprodução (PITANO; NOAL, 2017, p. 82)

Ainda em Santos (2010) os lugares buscam a sua voz, principalmente a partir das periferias. Em realidade o espaço organizado pelo homem desempenha um papel na sociedade, considerando-a, compartilhando do complexo processo de existência e reprodução social. Correa (2017, p. 28).



Pitano e Noal (2017) citando as palavras de Paulo Freire, explicita o posicionamento da busca da superação de uma educação determinista ou voluntarista, fazendo com que o cidadão se torne sujeito capaz. Para tanto, podemos abordar o conhecimento geográfico nos livros de literatura a partir dessas premissas do conceito de espaço. Um espaço de encontros espaciais e de arranjos diferenciados. Segundo Olanda e Almeida (2008), observar a cultura da formação espacial é importante, sendo esta uma via que permite compreender as relações humanas e sua influência na organização espacial. Sobre a literatura, ainda contribui dizendo que:

Leitura e a interpretação de obras literárias tornam-se para o geógrafo humanístico objetos de investigação, pois revelam e informam sobre a condição humana: os estilos de vida, as características socioculturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada (OLANDA e ALMEIDA, 2008, p. 8).

Abordado por Holzer (2013), o espaço geográfico possui duas dimensões: a *geométrica*, pura, vazia, absoluta, genérica a partir da geometria euclidiana e *outra humana*, dotada de significados e noções, espaço criado pelo homem a partir dos seus símbolos, espaço construído, mesmo que metafisicamente. Segundo o autor, o “espaço” é um termo genérico e abstrato, ligado à geometria euclidiana e à física newtoniana. Isso não impede que seja considerado por muitos, inclusive geógrafos, como objeto central da Geografia.

Ao nosso texto interessa o espaço da Geograficidade (DARDEL, 2020), espaço que liga o Homem à Terra a partir de suas construções simbólicas. Holzer (2013) aponta que o espaço só existiria para o ser-no-mundo a partir de sua concretude existencialista, ou seja, ele aparece para nós “em relação”, já desprovido de seus atributos puramente geométricos e abstratos que o desumanizam.

Eric Dardel nos mostra como o espaço euclidiano sai de cena para dar lugar a um espaço complexo com significados a partir da existência humana. O espaço físico, só o é, porque o homem lança sobre o mesmo os seus significados. Materialidades e imaterialidades andam juntas, pois o “geógrafo que mede e calcula vem atrás, à sua frente há um homem a quem se descobre a “Face da Terra” como explica Dardel, (2020). Ainda podemos completar a ideia de um espaço unívoco, como Geograficidade quando:

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível a inquietude geográfica precede e sustenta a crença objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade do homem como modo de sua existência ou seu destino (DARDEL, 2020, p. 1-2).

Podemos partir para uma Geografia sem dicotomias. Uma abordagem que interconecte o homem à Terra, em que a produção do Espaço seja o resultado das relações sociais e dos espaços transformados pelo homem, compreendendo que as relações se constroem espacialmente, como afirma Massey (2017).

A Topoanálise na perspectiva da Geografia

Partimos da ideia de Topoanálise como aborda Borges Filho (2008) tendo como ponto de partida para a análise de uma obra literária o conceito de espaço literário, onde podemos observar, a partir do seu olhar, que o espaço em obras literárias possui aspecto denotativo e



conotativo. Quando o espaço serve como ponto de ilustração em uma cena, o mesmo possui aspecto literal, quando está ligando o personagem ao fato, possui aspecto simbólico.

Quanto ao raciocínio espacial aplicado à colocação do personagem no romance a partir do espaço, Borges Filho destaca o seguinte aspecto:

Muitas vezes, mesmo antes de qualquer ação, é possível prever quais serão as atitudes da personagem, pois essas ações já foram indiciadas no espaço que a mesma ocupa. Note que esses espaços são fixos da personagem, são espaços em que elas moram ou frequentam com grande assiduidade (BORGES FILHO, p. 2, 2008).

Para Moraes e Callai (2020) o texto literário possui arcabouço ficcional. No entanto, há na ficção uma base de realidade. Os escritos e o desenvolvimento do cotidiano dentro do texto são previstos pelo autor, o roteiro segue aquilo que o autor imagina. Mas é comum que muitos espaços retratados em obras literárias possuam uma conexão direta com a realidade. Assim, três níveis de espaço são observados com relação à realidade como aponta Borges Filho (2008): o realista, quando fiel à realidade; o imaginativo, quando guarda alguma relação com a realidade; o fantasista, quando não existe de fato e nem respeita nenhum tipo de regra do mundo real.

Em torno da topografia literária, existem ainda os macro e micro espaços. A história pode se desenvolver numa mesorregião, mas o cotidiano dos personagens pode ser limitado a pequenos espaços. Esses espaços podem trazer um raciocínio geográfico de escala importante, mostrando a abrangência da atuação de alguns personagens pelo espaço geográfico da obra. Segundo Castellar

As representações espaciais são meios de acesso às informações espaciais visualizáveis. Elas apresentam o mundo, suas informações e ordenamentos, expressam desejos, ideias e sentidos e medeiam as intencionalidades dos produtores do espaço e dos agentes, bem como daqueles que as elaboram. Essas representações chegam aos leitores que se apropriam das informações com suas intencionalidades, formando um ciclo de fluidez comunicacional entre o elaborador e o usuário (CASTELLAR, 2020, p. 301, 302).

Diante desse aspecto da obra, outra noção importante, a de fronteira na obra literária surge como ponto. Pode ser, portanto, feita com clareza a topoanálise da fronteira, como aponta Borges Filho:

Primeira característica é a divisão de todo o texto em dois espaços que não se tornam a dividir. Em outras palavras, a fronteira não divide apenas um ponto particular do espaço no texto literário, mas é um corte grandioso, longitudinal. Dessa maneira, não podemos considerar fronteira um muro que separa a casa de uma personagem e outra a não ser que todo o espaço da trama seja as duas casas. Se houver outros espaços como teatros, cafés, cinemas, etc. nesse texto e pelos quais as personagens transitam livremente, não teremos uma fronteira. (BORGES FILHO, 2008, p. 6).

Ao utilizar as obras literárias, partiremos do princípio que cada obra possui seu contexto que é único e que a Geografia pode contribuir em muito para o leitor de maneira geral, seja no entendimento do que o autor quer passar, seja no bom desenrolar da leitura, para que a mesma se torne prazerosa, e não onerosa sem que ao fim de um texto o leitor



não entenda aquilo que leu ou não retire de um texto literário uma lição para sua vida e seu desenvolvimento enquanto indivíduo numa sociedade coletiva.

Pensando pela Geografia através da Obra Caim de José Saramago

A obra Caim é escrita em 2009 pelo já vencedor do prêmio Nobel de Literatura, José Saramago. A base litúrgica se dá nos primeiros capítulos do Velho Testamento, sendo destacadas as histórias de Adão e Eva, Moisés, Noé e Abraão, com a personagem Lilith que aparece numa única passagem em certas traduções da Bíblia³, mas que José Saramago faz questão de colocar em voga, destacando inclusive uma mulher forte, rainha de sua cidade.

Deus logo se encarregou de dar aos personagens o dom da fala. Adão e Eva surgem, no contexto da obra, já fisicamente formados, feitos perfeitos, mas mudos. Deus os concede esse dom para que, assim, imaginamos nós, pudessem se tornar criaturas verdadeiramente perfeitas. Tem-se aí, logo de início, o peso e a importância que o autor dá à construção da palavra como construção do próprio ser.

A partir da fala podem então se comunicar e conversar com Deus. José Saramago (2009, p.10) então deixa a situação dúbia sobre a língua colocada em Adão e Eva, se era “o músculo flexível e húmido que se mexe e remexe na cavidade bucal e às vezes fora dela, ou a fala, também chamada idioma”. Aqui podemos observar a iniciação à cultura e aos significados que os espaços possuem. Dardel (2001) explica que os elementos naturais, tais como a montanha que só é “alta” ou a planície que só é “vasta” a partir dos desígnios humanos, ou seja, é a noção humana sobre o elemento que o dá significado. Ainda, para o mesmo autor: A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado a Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre (DARDEL, 2011, p. 33, grifo nosso)

Eva comete o pecado de comer a maçã. Os dois são expulsos do paraíso. Passam-se os anos e Caim e Abel, filhos de Adão e Eva, já são maduros, homens que trabalham e seus ofícios: Abel pastor e Caim agricultor. Caim mata Abel. A partir desse ponto, Caim também é condenado à condição de errante, mas já indaga a Deus sobre a cumplicidade do crime, atestando não terem sido aceitas suas oferendas, e sim as de Abel. Deus marca Caim para que não sofra do mesmo mal que fez a seu irmão.

Errante, Caim passa por paisagens do Oriente Médio, percorre sem paradeiro, ambientes inóspitos e chega até a cidade de Nod. Populosa, destaca José Saramago, ali conhece Lilith, que observa nele mais um objeto de satisfação de seus desejos. Caim estabelece pequena estadia na cidade e, por sua performance, se torna um amante da rainha, que já era casada com Noah. Nesse ínterim, Lilith engravida de Caim. Seu filho, porém, será criado por outro pai. Caim então cumpre seu destino de errante e nômade, sai da cidade e a partir daí, como um viajante no tempo passa a percorrer os caminhos da bíblia do velho testamento, sem com isto percorrer uma cronologia lógica, em mudanças constantes da paisagem e do próprio tempo.

Assim começamos a observar a Obra Caim de José Saramago a partir de um olhar geográfico. A obra de ficção tem como escopo, como já dissemos, a liturgia bíblica. Em nada nos compete analisar a obra do ponto de vista teológico, mas sim do ponto de vista conceitual da geografia como disciplina escolar.

³ Isaías 34:13



Nesse sentido, no primeiro ato: “Quando o Senhor, também conhecido como deus, se apercebeu de que a adão e eva, perfeitos em tudo que apresentavam à vista, não lhes saía uma palavra [...] enfiou-lhes a língua pela garganta abaixo. (SARAMAGO, 2009, p. 9)

O espaço passa então a ser produzido a partir do crime de comer a maçã comido por Eva, que também é acompanhado por Adão. O que antes era resultado da coleta de frutos e do que a natureza lhes fornecia no paraíso, agora passa a ser trabalhado pelo suor. Deus então, nesse momento da Obra, ordena a labuta dos dois: “Só à custa de muitas bagas de suor conseguirás arranjar o necessário para comer, até que um dia te venhas de novo transformar em terra, pois dela formado, na verdade mísero adão, tu és pó e ao pó um dia tornarás” (SARAMAGO, 2009, p.18).

Caim e Abel também terão um ofício. Assim sendo, observa-se de pronto a divisão social do trabalho, que será importante no transcórre da narrativa, tendo em vista que uma das razões debatidas por Caim com Deus para ele ter matado Abel foi a escolha profissional de cada um, ou, por assim dizer, o destino que cada um teve na sociedade. Caim, trabalhando com as mãos, profissão que diminuía a importância do homem, e Abel, com a nobre profissão de ser pastor. “Enquanto Abel preferia a companhia das ovelhas e dos cordeiros, as alegrias de Caim iam todas para as enxadas, as forquilhas e as gadanhas, um, fadado para abrir caminho para a pecuária, outro, para singrar na agricultura” (SARAMAGO, 2009, p. 32).

Ainda, podemos observar uma geografia interior, aquela em que o homem surge desnudo no mundo, mas o próprio mundo por si só já é sua espacialidade. A divisão do trabalho surge como condicionada pela necessidade imediata de se alimentar na face da Terra. Podemos observar a semântica do espaço existencial a partir de Dardel quando diz:

Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico a liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo (DARDEL, 2020, p. 5).

Caim, nesse momento, se refere ao possível aceite de Deus à sua oferta. Quando houve o fumo do cordeiro feito por Abel, pastor de ovelhas, a fumaça havia subido às alturas. Já o queimar das sementes e do milho oferecido por Caim, não havia subido aos céus e se desfeito. Outrossim, Abel tratou o irmão com desdém, tendo ele praticado a soberba quando o irmão, Caim foi rejeitado e ele aceito por Deus.

Se o Senhor, que, segundo se diz, tudo sabe e tudo pode, tivesse feito sumir dali aquela queixada de burro, eu não teria matado Abel, e a gora podíamos estar os dois à porta da casa a ver a chuva cair, e Abel reconheceria que realmente o senhor havia feito mal em não aceitar o único que eu tinha para lhe oferecer, as sementes e as espigas nascidas do meu afã e do meu suor, e ele ainda estaria vivo e nós seríamos tão amigos como o tínhamos sido. (SARAMAGO, 2009, p. 40, grifo nosso)

Nesse momento, Caim passa a ter inveja do irmão Abel. Assim passa a tramar a morte do irmão que havia sido o preferido de Deus haja vista o fato do todo-poderoso ter aceitado a oferta de Abel e não a de Caim. Por sua vez, Caim comete o crime e se torna um fraticida. Corre a tentar se esconder de Deus, o que é impossível, pois o mesmo tem o domínio pleno sobre o território ocupado pelo personagem em nossa história. A partir da topoanálise



proposta por Borges Filho (2008), observa-se que o espaço da obra dá embasamento para o ocorrido. O espaço é único com um Deus onipresente, como poderia Caim se esconder nesse campo restrito ao olhar de Deus?

Assim como havia condenado Adão e Eva, seus pais, a saírem do território em que viviam, Deus também apenou Caim. Condenados foram a vagar por regiões em que não conheciam. Adão e Eva ao saírem do Éden, encontram um sol que não lhes pertencia. Assim o sol escaldante já significa que o lugar não lhes aparenta mais e nem lhes favorece a colheita e as benesses. Precisam agora labutar em busca do pão, e o sol que antes era bom agora lhes queima em alta temperatura. “Ali puderam finalmente, defender-se da queimação brutal de um sol que em nada se parecia com aquela invariável benignidade de temperatura ao qual estavam habituados” (SARAMAGO, 2009, p. 20)

O sol na obra mostra que não estão mais sobre a proteção divina. Saem do jardim e vão direto a um deserto de solidão. Assim, o espaço se conecta à nova realidade dos dois abandonados à própria sorte.

A passagem se conecta com a obra Paisagens do Medo de Yi-Fu-Tuan (2005). O contexto de homens que estavam acostumados com víveres disponíveis, em que não ocorriam períodos de escassez. Na região do Crescente Fértil, entre os rios Tigre e Eufrates, Adão e Eva saem da segurança da coleta farta e são lançados às necessidades do deserto. Tuan (2005, p.84) explica a partir de referências da História que “como os víveres disponíveis eram de origens diversas, provavelmente não ocorriam períodos de verdadeira escassez. Com o tempo confiou-se mais nas plantas domesticadas”

Na obra Caim, José Saramago escreve:

E aonde iríamos nós, perguntou eva, estamos no meio de um deserto que não conhecemos e onde não se vê um caminho, um deserto onde durante estes dias não passou uma alma viva, dormimos num buraco, comemos ervas, como o senhor prometeu, e temos diarreias (SARAMAGO, 2009 p. 24).

Caim também é condenado a ser errante. Logo após a morte de seu irmão ao qual foi culpado, vaga desorientado até encontrar a cidade de Nod. Em determinado momento da história, Caim abandona a cidade, aceita a punição de Deus e volta a ser um errante com uma marca na cabeça, porém protegidos pelas providências divinas. A cidade vai se tornando uma paisagem distante à medida em que seu entorno passa a ser um ambiente úmido, verde e com a presença de árvores e rios caudalosos. Observa-se que a relação do personagem com o espaço, antes de superação das intempéries impostas pela rigidez do clima passa a ser menos conflituosa, sendo, portanto, um ambiente que lhe oferece maiores possibilidades de sobrevivência, sendo ele um nômade retirante. “a paisagem que caim tinha agora diante de si era completamente diferente, verde de todos os verdes alguma vez vistos, com árvores frondosas e cultivos, reflexos de água, uma temperatura suave, nuvens brancas boiando no céu” (SARAMAGO, 2009, p. 76).

Andará errante e perdido pelo mundo, adverte o Senhor a Caim. Caim retoma a fala que como errante seria morto. O senhor então lhe faz uma marca na testa para que ninguém o faça mal. Assim se torna Caim um errante, um vagante, um nômade, sem referência de lugar. Os lugares passam por Caim. Conectando esse momento ao conceito de lugar, o indivíduo perde sua condição de pertencimento ao lugar, sobretudo em sociedades organizadas.



As sociedades complexas são intrincados códigos de intercâmbio; alguns desses códigos estão formulados em leis e regulamentos; a maioria deles são padrões de comportamento idiossincráticos que as instituições dominantes na sociedade têm conseguido com maior ou menor êxito inculcar (TUAN, 2005, 297).

Um dos destaques do conteúdo da obra Caim é que o personagem se torna um viajante no tempo. No entanto, paisagens mudam, como muda o tempo. Na página 77 José Saramago nos explica essa dinâmica.

Sim, essa é a fórmula comum para explicar algo como o que aqui aparece ter sucedido, o futuro, dizemos nós, e respiramos tranquilos, já lhes pusemos o rótulo, a etiqueta, mas em nossa opinião, entender-nos-íamos melhor se chamássemos outro presente, porque a terra é a mesma, sim, mas os presentes passados, outros presentes dela vão variando, uns são presentes passados, outros presentes por vir, é simples, qualquer pessoa perceberá (SARAMAGO, 2009, p. 77).

Doren Massey (2000) explicita a forma como o Espaço-tempo pode adquirir muitas dimensões. Aos que transitam, os locais são meras passagens. Já os que estão em seu lugar, não participam de maneira efetiva da compressão espaço-temporal colocada em foco a partir do eurocentrismo. Comunidades inteiras podem até contribuir culturalmente com a sociedade global, ser produto dela, ou mesmo, de forma limitada, participar da dinâmica global de eventos, mas estão de certa maneira, presos em seu lugar por não possuírem capacidade técnica de mobilidade.

Assim, ao invés de pensar em lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma propagação dessas relações, experiências, e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como um lugar em si, seja uma rua, uma região, um continente (MASSEY, 2000, p. 10).

Saramago (2009, p. 83) ainda destaca um Caim que viaja no tempo – espaço, quebrando a dicotomia tempo –espaço quando escreve que Caim estava no meio de uma paisagem diferente, com algumas árvores raquíticas dispersas e tão secas como a terra de nod, porém seca de areia, não de cardos. Outro presente.

Noutro momento que nos interessa também a este ponto de análise da obra, é o momento que Deus ordena a Noé a construção da arca, que acolherá um casal de cada exemplar de espécies que vivem na Terra. Quando Caim observa o espaço em que a Arca está a ser construída, entre montanhas, sugere que ela venha a ser construída próxima às águas Assim Caim alerta a Deus sobre o espaço de construção da Arca. Dardel (2020) afirma que a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente. De forma errônea, a construção da Arca não estava em acordo com o que a Terra propunha naquela porção, Caim portanto explicita a situação: “Os teus cálculos estão errados, um barco deve ser construído junto à água, não num vale rodeado de montanhas, a uma distância enorme do mar, quando está terminado empurra-se para a água e é o próprio mar ou rio, se for esse o caso, que se encarregam de o levantar” (SARAMAGO, 2009, p. 152).

A condição de migrante nos faz pensar nas contribuições de Rogério Haesbaert (2021). Este inicia seu trabalho parafraseando Friedrich Ratzel com a seguinte frase: “tudo aquilo que chamamos progresso na civilização, é antes comparável ao germinar de uma



planta que ao voo ilimitado de um pássaro”. Permanecemos sempre ligados à terra, e o ramo precisa sempre de um tronco que o sustente”. Esse contexto se liga diretamente ao que queremos tratar o território em torno da obra literária de Caim. Esse conceito, de ligação direta do homem à Terra também se conecta diretamente ao conceito de Geograficidade. Enquanto grupo social manipulamos o território de forma a estabelecer espaços de poder que diferenciam quem é de dentro e quem é de fora, o nativo e o estrangeiro. Mas não só dominamos o território como, também, nos conectamos a ele. Precisamos do território para a existência ou r-existência: Em torno de Haesbaert (2021):

Lutar por território é lutar por existir ou melhor, para utilizar um termo caro ao companheiro Carlos Walter Porto-Gonçalves (2013), r-existir, e r-existir é, em primeiro lugar, defender nosso espaço, a começar pelo próprio corpo – nunca separado, é claro, do entorno geográfico indispensável à nossa existência (HAESBAERT, 2021, p. 4)

O território vai além do corpo, além do limite individual. O que denominamos o entorno geográfico, ou ecúmeno, é o ambiente que nos cerca, o além do corpo-territorial como aponta Haesbaert (2021). Caim, quando errante, perde esse contato, é desterritorializado, mas se reterritorializa a todo instante buscando entender a essência da sua realidade. Caminha, se torna nômade. José Saramago destaca sua condição assim: “Caim não era israelita, mas tão pouco era hitita, ou amorreu, ou pereceu, ou jebeu, ou jesebeu. Veio a salvá-lo desta indefinição identitária um alveitar do exército de Josué que se tomou de amores pelo jumento de caim. Saramago (2009).

Ao se interessar pelo jumento de caim, o membro do exército cria com nosso personagem um elo de intimidade, o que o salva da condição de desterritorializado, vagante ou nômade. Mas não impede o terricídio (Haesbaert, 2021) sofrido por Caim, bem como não impede que seus pais, Adão e Eva, que sofreram da mesma condição no início do romance. Para tanto, voltemos às referências das primeiras páginas:

Tendo conhecido o bem e o mal, o homem tornou-se semelhante a um deus, agora só me faltaria que fosses colher também do fruto da árvore da vida para dele comeres e viveres para sempre, não faltaria mais, dois deuses num universo, por isso te expulso a ti e a tua mulher deste jardim do éden... (SARAMAGO, 2009, p.18)

Sem estar num território definido e sendo vagante, Caim mostra como muitos povos contemporâneos são expropriados de seus territórios, de sua existência. Caim é filho de pais que foram obrigados a se retirar do território. Erra, e como errante passa a vagar sem referência. Como castigo nem pode ao menos morrer, pois é marcado com a proteção para que nenhum mal lhe ocorra. Assim são muitos povos atualmente:

Nesse sentido, portanto, o terricídio também poderia ser compreendido para além do impacto brutalmente desigual em grupos/classes sociais historicamente colonizados/ expropriados. Teríamos, assim, uma concepção mais estrita, em que o terricídio estaria ligado a povos que vivenciam seu território como uma extensão do corpo individual/ comunitário em direção ao corpo da t/Terra, e um sentido lato, no bojo da complexa dinâmica antropocênica que coloca em jogo as (re)ações da própria Terra (ou Gaia, para Latour) vista politicamente dentro do conjunto de dinâmicas que interferem na destruição/ manutenção da vida no planeta (HAESBAERT, 2021, p. 12).



Adão e Eva cometem erros, que podem ser cometidos por quaisquer dos homens que anda sobre a face da Terra. Adão e Eva cometem o erro de não respeitarem a ordem de Deus de comerem do fruto proibido, da árvore proibida, o que mostra a dimensão imaterial do conjunto político – jurídico do território. Estes, a seu tempo, são expulsos das bases materiais do território, tendo que se encontrar em nova morada. Como aponta Haebaert (2008)

Geograficamente falando, não há desterritorialização sem reterritorialização pelo simples fato de que o homem é um "animal territorial" (ou "territorializador", como afirmou o sociólogo Yves Barel). O que existe, de fato, é um movimento complexo de territorialização, que inclui a vivência concomitante de diversos territórios - configurando uma multiterritorialidade, ou mesmo a construção de uma territorialização no e pelo movimento (HAESBAERT, 2008, p. 20).

Podemos observar, então, que a obra Caim de José Saramago nos revela a visão ética do autor sobre a liturgia bíblica. Reiteramos que não nos compete a entrada em assuntos da teologia para a obra, mas sobre os aspectos teóricos metodológicos de um conteúdo literário para a utilização em sala de aula, não apenas esta, mas muitas outras obras podem ser utilizadas como esta foi na última parte desse texto. Espaço, paisagem, território e lugar foram conceitos contemplados para análise desse texto, que muito contribui com a prática pedagógica da disciplina de Geografia em sala de aula.

Para concluir

A sala de aula pode figurar como um local transformador de indivíduos e da sociedade. Entrar nos muros da escola deveria significar uma evolução pessoal e do coletivo de um país. Muitas situações levam ao insucesso do sistema escolar brasileiro, tanto a defasagem profissional pelos baixos salários, como pelo baixo desempenho em leitura escolar.

Muitos alunos – e professores - sustentam a ideia de que a leitura é algo exclusivo de conteúdos de Linguagem. No entanto, o desempenho em leitura deve ser bom e treinado também em outros eixos do currículo escolar. O professor de Geografia pode ser um elo que levará o aluno da leitura mecânica a uma leitura simbólica.

A utilização da Literatura como ferramenta pode ser um divisor de águas nesse sentido. A literatura cria espaços fictícios, que em muitos se parecem com a realidade e a Geografia explica com seus conceitos essa realidade. A dimensão simbólica da construção social, bem como da construção do espaço geográfico podem nortear a construção de uma sociedade que conhece a sua construção histórica.

A obra Caim de José Saramago é um bom contributo literário para o uso em Geografia. Aspectos da paisagem e do espaço Geográfico podem ser evidenciados em suas páginas. Caim, personagem principal na obra, propõe uma abordagem que rompe com a dicotomia espaço-tempo quando muda seu presente (temporal) à medida em que muda de espaço, mostrando que o espaço é interconexo, múltiplo e não unívoco. Assim, inspirados em Massey (2004) assinalamos que tanto o espaço quanto o tempo são, sem dúvida, abertos, dinâmicos e múltiplos.



Referências Bibliográficas

- BANNEL, *et al.* **Educação no século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens.** Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2016
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** 2ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 2004.
- BORGES FILHO, O. **Introdução à Topoanálise.** In: XI Simpósio Internacional da ABRALIC. 2008a. USP. São Paulo, Brasil. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.
- BORGES FILHO, O. A questão da fronteira na construção do espaço na obra literária. **TriceVersa**, Assis, v.2, n.1, maio-out.2008b. Disponível em <http://www2.assis.unesp.br/cilbelc/OzirisBorgesFilho.pdf>. Acesso em 01 de fevereiro de 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- CALLAI, C. C. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**, 70: 9-30. 2018. Disponível em <https://revistanortegrande.uc.cl/index.php/RGNG/article/view/42627/34531>. Acesso em 15 de janeiro de 2021
- CASTELLAR, S. M. V. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 294-322, jan./jun., 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/922/427> Acesso em 10 de janeiro de 2021
- DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** Tradução Werther Holzer. São Paulo. Perspectiva. 2020.
- DIAS, G. K.; DIAS, L. C. A literatura como ferramenta para o ensino de Geografia Física. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 115-124, set./dez., 2019. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/810/786>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 51ª ed. São Paulo: Cortez. 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente.** 58ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 67ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra. 2019
- HAESBAERT, Rogério. A corporificação natural do território: do terricídio à multiterritorialidade da terra. **GEOgraphia**, vol: 23, n. 50, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/48960/29143>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.
- HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia** - Ano IX - No 17 – 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531/8731>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.
- HARVEY, D. La geografía como oportunidad política de resistencia y construcción de alternativas. **Rev. Geogr. Espacios** Vol. 2, No4: 9-26, 2012. Disponível em:



<http://revistas.academia.cl/index.php/esp/article/view/339/452>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

HOLZER, W. Sobre Territórios e Lugaridades. **Revista Cidades**. V. 10. N. 17. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12015/7714>. Acesso em 18 de dezembro de 2021.

LUNKES, M. J., ROCHA FILHO, J. B. A baixa procura pela licenciatura em Física com base em depoimentos de alunos do ensino médio público do Oeste Paranaense. **Ciência & Educação**, v. 17, n. 1, p. 21-34, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/NCrqb7gF4gytYPwkQLpCsR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021

MARCHESONI, L. B.; SHIMAZAKI, E. M. Alfabetização e letramento: explorando conceitos. **Educação: Teoria e Prática/** Rio Claro, SP/ v. 31, n.64/2021. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/14368/11992>. Acesso em 09 de fevereiro de 2021.

MASSEY, D. Um sentido Global do Lugar. In. ARANTES A. A. **O espaço da Diferença**. Papirus. São Paulo 2000

MASSEY, D.. Filosofia Política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**. Ano 6. N. 12. 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13477/8677>. Acesso em 05 de janeiro de 2021.

MORAIS, M. M.; CALLAI, H. C. A educação geográfica numa perspectiva de interdisciplinaridade: Literatura e Geografia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 11, p. 318-333, 2020. Disponível em: www.geosaberes.ufc.br ISSN: 2178-0463. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto. 2007

OLANDA, D. A. M.; ALMEIDA, M. G. Geografia e Literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p7/11722>. Acesso em 28 de janeiro de 2021.

PITANO, C. S.; NOAL, R. E. Paulo Freire e a Geografia: diálogos com Milton Santos. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 21 (2017), n.1, p. 78-86. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/21881/pdf>. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

REZENDE, N. L. O ensino de Literatura e a leitura literária. IN. DALVI, M. A. *et al* **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo, Parábola. 2013

SALTORIS, D. B.; BARROSO, Cristiane. **Geografia e Literatura: uma proposta para um ensino interdisciplinar**. Trabalho apresentado no 18º Encontro Nacional de Geógrafos, 2016, São Luís, MA.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 22ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2012

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. 2ª reimp. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006.

SARAMAGO, José. **Caim**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009



SILVA, K. L.; FERNANDES, J. C. C. O ato de ler como instrumento de emancipação humana: importância das práticas de leitura na escola. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, e763997799, 2020 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.7799> Acesso em: 15 de Ago. de 2020

SIMÕES, J. F.; CARNIELLI, B. L.. A importância da leitura para o desempenho escolar de alunos do ensino fundamental. **Revista de educação**. PUC-Campinas. Campinas. N 13 p. 51 – 63. Novembro de 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo. Ed. Unesp. 2005.